

Polícia

Boletim de
Ocorrência 012Por
Celito De Grandi

Cartas anônimas e mortais

O assassinato de um deputado por um marido enciumado é o 12º caso da série que relembra crimes marcantes no RS

Houve um tempo em que era expediente comum o uso de cartas anônimas. Colocadas na soleira da porta das casas, alertavam esposas e maridos sobre eventuais traições de seus parceiros.

Foi o que aconteceu com o comerciante Eduardo Pereira da Costa, filho do proprietário de uma joalheria, no centro de Porto Alegre. Ele removeu durante longo tempo as cartas anônimas que lhe chegavam uma após a outra. E então aconteceu a tragédia.



Eduardo e Dalila casaram-se em 1918. Apaixonado, ele fazia-lhe todas as vontades: "Tentava adivinhar seus desejos para satisfazê-la". E tinha certeza de que também ela o amava.

Viveram assim dois anos, até chegar a primeira carta anônima sobre a infidelidade da mulher. Eduardo não queria acreditar, ruminou a dúvida durante dias e noites, antes de mostrar-lhe a carta.

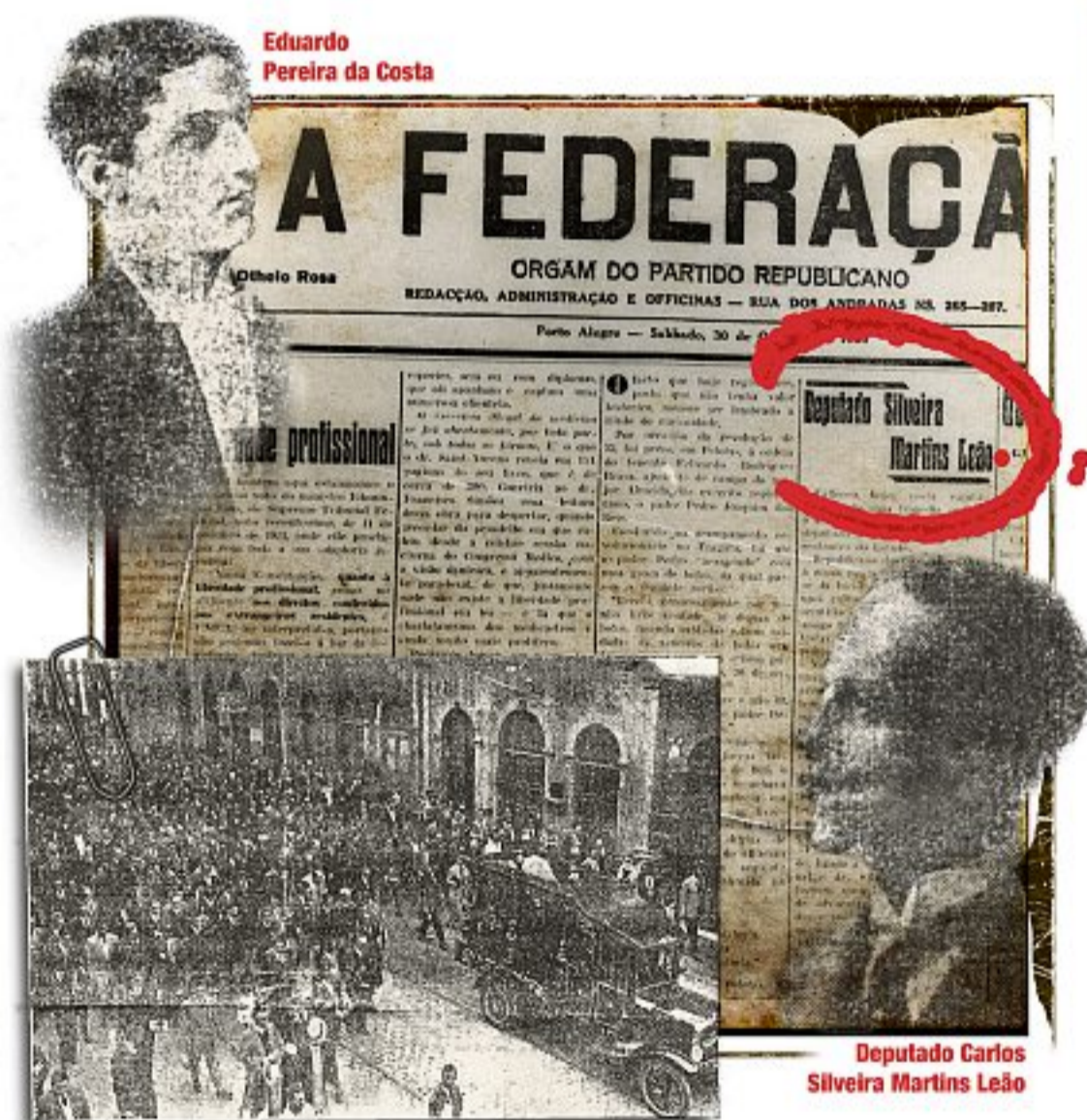
Dalila esbravejou pela desconfiança do marido, depois de negar com veemência.

"Tudo isso dito entre lágrimas e lamentações, convenceram-me de que a carta não exprimia a verdade."

Além do mais, não fosse assim e surgiriam outras cartas, disse Eduardo para si mesmo. Passou-se um mês, dois meses, um ano, dois anos, as missivas não chegaram mais e a paz voltou ao lar do casal.

Dois anos e meio de tranquilidade. E, então, as cartas reapareceram. Agora, uma depois da outra, cinco em 30 dias. Sempre com a indicação de diferentes amantes. E referências às roupas escandalosas da mulher.

A vida de Eduardo voltou a ser um martírio. Cansado das explicações de Dalila, pediu o divórcio. E só então ele percebeu o interesse econômico e os "sentimentos da mulher a quem, infelizmente, me ligara para toda a vida".

Eduardo
Pereira da Costa

O crime

Vítimas:
Carlos Silveira
Martins Leão e Oscar
Rothfuchs

Época do crime:
Outubro de 1926

Cidade:
Porto Alegre

Principal suspeito:
Eduardo Pereira da
Costa

Motivação:
Passional

Eduardo procurou Dalila e a viu já fora do bonde. Por uma das janelas atirou quatro vezes e ela caiu.

Rothfuchs foi socorrido, submeteu-se a uma cirurgia, mas faleceu quatro dias depois. Dalila sobreviveu.

Martins Leão ficou estendido no corredor do bonde. Ao lado do corpo, um livro de Mendes Fradique. Ele o havia adquirido pouco antes, para ser lido na viagem que faria à tarde para Cruz Alta. O título do livro: Lógica do absurdo.



O corpo do deputado foi levado para lá dois dias depois. Antes, desfilou num carro fúnebre pelas ruas centrais de Porto Alegre. João Neves da Fontoura, um dos mais expressivos oradores da história política do Rio Grande, falou em nome dos republicanos, na gare da Viação Férrea:

"Roubou-te ao nosso convívio a fatalidade trágica de uma dessas predestinações indesviáveis..."

Eduardo Pereira da Costa foi absolvido no primeiro julgamento por unanimidade, por ter agido sob "privação dos sentidos e da inteligência", uma dilação da culpa que existia no Código Penal então em vigor, conforme Sérgio da Costa Franco.

Assim era a vida privada do Rio Grande, no início do século passado. Feita também com cartas anônimas, muitas vezes mortais.

Sábado, 30 de outubro de 1926, um dia depois do pedido de divórcio. Eduardo olha pela janela de um consultório médico para a Rua de Bragança (hoje Marechal Floriano), e vê Dalila e a filha. Vê também a troca de olhares entre ela e o homem postado na esquina da Rua dos Andradas. Deu-se conta de que já vira uma cena semelhante entre os dois havia cerca de um ano.

A mulher toma o bonde "Circular 72" e Eduardo, remoendo-se, corre até a Praça da Alfândega para apanhar o mesmo bonde e dizer a ela que não lhe mentisse mais, ele havia visto tudo.

Entra pela frente e depara com uma cena não imaginada: Dalila, sentada ao lado da filha, está voltada para o banco de trás,

e conversa com aquele homem, citado numa das últimas cartas. "Ambos sorriam, num verdadeiro colóquio amoroso".

Sim, era ele, o advogado e deputado estadual Carlos Silveira Martins Leão, 39 anos, neto do grande tribuno Gaspar Silveira Martins, líder monarquista e histórico inimigo do republicano Júlio de Castilhos, fundador do partido de Martins Leão.

Eduardo confessou, depois, que "a visão daquele idílio" perturbou-o totalmente.

Avançou e, antes que o deputado sacasse sua arma, atirou. O segundo tiro, no peito, à altura da carótida, foi fatal. O primeiro disparo atingiu um conhecido advogado, Oscar Rothfuchs, sentado num dos bancos traseiros, sem nada ter com a história.